

PROFESSORES CRITICAM PAGAMENTO DE ESTACIONAMENTO DO CT

Página 7



O AMOR PRECISA VENCER O ÓDIO (NO PRIMEIRO TURNO)

Na reta final da campanha, pesquisadores e especialistas avaliam as mais recentes pesquisas e as estratégias de conquista dos votos que podem dar a Lula a vitória contra Bolsonaro em 2 de outubro

Páginas 4 e 5

EDITORIAL

CAR@ COLEGA

DIRETORIA

Faltam 16 dias para a eleição mais importante da história recente do Brasil. É a mais importante pelo que está em jogo, pelo que aprendemos a chamar de democracia, e que, na prática, atende por vários nomes entranhados no cotidiano docente: universidade pública, gratuita, de qualidade e inclusiva. Liberdade de cátedra. Financiamento público da Ciência, da Cultura e da Arte. Formação de professores críticos e qualificados.

Pois todo esse caleidoscópio civilizatório está ameaçado pela reeleição de Bolsonaro e, por isso, a atual diretoria da AdUFRJ defende desde a sua campanha eleitoral que o sindicato apoie a candidatura do campo democrático com maiores chances de derrotar o fascismo nas urnas. Hoje essa candidatura é a de Lula. Mas poderia ser a de Ciro ou a de um outro candidato mais à esquerda. E, se assim fosse, estaríamos igualmente aqui, nas ruas e nas redes, defendendo esses candidatos.

“Isso não é um capricho petista. Não estamos tratando de uma eleição normal, entre dois projetos políticos divergentes, como já ocorreu no passado, diversas vezes entre o PT e o PSDB. Antes tratávamos, por exemplo, de dois projetos antagônicos de universidade, um mais elitista e outro inclusivo. Agora, temos um candidato que quer a destruição da universidade. Bolsonaro é o candidato que defende a tortura, que defende o golpe, que prefere ser presidente por meio de um golpe do que pela eleição. Defender a vitória



Boa leitura!

no primeiro turno nesse contexto não é, portanto, algo que pretende engolir a minoria, mas sim um gesto que defende o futuro das oposições”, pondera o professor Pedro Lima, do Departamento da Ciência Política da UFRJ, respeitado pesquisador da conjuntura eleitoral brasileira.

A interessante entrevista de Pedro está na página 5 desta edição. Na página 4, o cientista político Paulo Baía, professor da UFRJ, analisa as mais recentes pesquisas do Datafolha e do Ipec, nas quais o ex-presidente Lula mantém boa margem de votos à frente de Bolsonaro. Também na página 4, mostramos que, em encontro com comunicadores de todo o país, na terça-feira (13), Lula falou sobre sua expectativa de vencer a eleição no primeiro turno, e celebrou a chegada da primavera — a estação começa no próximo dia 22 — como um tempo de esperança para o país. A equipe de jornalistas da AdUFRJ participou do encontro.

Na página 6, publicamos a tradução concreta de como Bolsonaro ameaça a universidade. Desde o dia 14, a Escola de Belas Artes está sem aulas, castigada pela crise orçamentária, por dois incêndios, elevadores sucateados, banheiros sem água e serviços de limpeza sofríveis. A diretoria da AdUFRJ aproveita esse espaço para prestar solidariedade à EBA e se colocar à disposição para mediar soluções.

Vivemos um tempo de desalento, mas esperamos que a primavera nos devolva a esperança. Apostando nesse retorno da alegria, da discussão livre e da democracia plena, convidamos a todos para um encontro descontraído na próxima sexta-feira, 23, às 18h, no CBAE. Ali, entre amigos, sextaremos, debateremos políticas, beberemos, encontraremos os amigos e a força para lutar por dias melhores.

QUINZE PROFESSORES FICAM SEM SALÁRIOS POR FALTA DE PROVA DE VIDA

A volta da obrigatoriedade da prova de vida no mês de aniversário tem surpreendido alguns professores aposentados. A AdUFRJ identificou pelo menos 15 docentes que ficaram sem os salários em agosto. O procedimento ficou suspenso entre janeiro de 2020 e junho de 2021 por conta da pandemia. No final de 2021, o governo firmou um cronograma especial para todos regularizarem as pendências. Desde janeiro, no entanto, o calendário voltou a funcionar como era antes da pandemia.

“A realização da prova de vida deve ser feita exclusivamente pelo banco ou por meio digital para quem tem a biometria cadastrada, através do aplicativo SouGov.br”, esclarece Karla Simas, coordenadora de Gestão

de Pessoal da pró-reitoria de Pessoal (PR-4) da UFRJ.

A comunicação restrita ao meio digital também ajuda a explicar a perda do prazo para professores com mais idade que não estão acostumados a lidar com e-mails ou aplicativos: os avisos sobre a necessidade da prova de vida chegam aos docentes exclusivamente pelo e-mail cadastrado no Sistema de Gestão de Pessoas do governo federal (Sigepe) e por notificação no celular, para quem tem o aplicativo SouGov.br. Karla acrescenta que o aplicativo traz como vantagem a possibilidade de verificação do atual status do recadastramento.

Mas a prova de vida também é motivo de dor de cabeça para quem fez tudo certo. O profes-



APLICATIVO prova de vida pode ser realizada pelo SouGov.br

sor Antonio Jazbik, de 84 anos, aposentado da Faculdade de Medicina, teve uma desagradável

surpresa ao conferir a conta bancária, no início do mês. O docente não recebeu o pagamento da universidade relativo a agosto, mesmo após ter feito a prova de vida no prazo correto.

“Eu tinha feito no banco em maio, no mês do meu aniversário. Recebi em junho e em julho, mas, no terceiro mês, o meu pagamento foi cortado. Recebi o comprovante. Não sei o que aconteceu”, afirma Jazbik. Os proventos só são cortados após 90 dias da não realização da prova de vida. O professor precisou fazer uma nova prova de vida no banco e agora aguarda receber o salário suspenso e o regular, na próxima folha de pagamentos da UFRJ.

Segundo a PR-4, são raras as falhas no sistema do governo,

após a realização da prova de vida, como no caso do professor Jazbik. A situação mais comum para a suspensão do benefício é a perda do prazo.

SERVIÇO

A pró-reitoria oferece suporte ao docente que não consegue se deslocar com facilidade. “A gente também tem a prova de vida domiciliar. Para aqueles que têm limitações físicas ou psicológicas para sair de casa, basta nos enviar uma declaração médica, e a pró-reitoria irá à casa do servidor para fazer a prova de vida”, esclarece Karla. “Se o servidor está no exterior, ele pode ir à embaixada, pegar o documento e mandar à PR-4, e a prova de vida também será validada”, conclui.

(Júlia Fernandes)

AGENDA

DEFENDER A UNIVERSIDADE É DEFENDER A VIDA

■ O Movimento em Defesa da Universidade — que reúne professores ativos e aposentados, estudantes e ex-alunos de instituições federais de educação do Rio de Janeiro, sociedades científicas e entidades em defesa da democracia — convida todos para evento na quinta-feira, 22, às 18h, no Salão Pedro Calmon. A AdUFRJ apoia a realização da atividade no campus da Praia Vermelha. “Sem Educação, não há Independência e nem soberania nacional. No dia 22/09/2022, proclamaremos nosso Grito da Primavera por um Brasil incluído, respeitando as Universidades como um espaço vital para o desenvolvimento da Ciência, Tecnologia e Cultura”, diz a carta-convide do movimento.

NOVO TELEFONE DA SECRETARIA DA ADUFRJ

■ Os telefones fixos da AdUFRJ não funcionam mais por motivos técnicos. A partir de agora o número de contato é (21) 99644-5471. O celular não possui aplicativos de mensagens e estará disponível de segunda a sexta no horário de 8h30 às 17h30. Ele se junta ao Adufrj Jurídico, (21) 99808-0672, que recebe mensagens de Whatsapp e continuará sendo utilizado para marcação de horário no atendimento jurídico do sindicato.

CIÊNCIA INDEPENDENTE OU MORTE

> Ciclo de debates promovido pelo Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ avalia o papel da universidade no processo de reconstrução do país e questiona o alcance da independência nacional. Abertura aconteceu no dia 15

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

A UFRJ promove até o dia 21 um ciclo de reflexões à altura das comemorações pela independência nacional. O evento é promovido pelo Fórum de Ciência e Cultura da universidade. A abertura aconteceu no dia 15, com a participação da reitora, professora Denise Pires de Carvalho. “É assim que devemos brindar o bicentenário da independência. Com alegria, com arte, de forma crítica”, disse a reitora, numa referência indireta às comemorações oficiais do governo brasileiro, que se tornaram palanque eleitoral e cenário de grosserias proferidas pelo mandatário do país no dia 7 de setembro.

Um dos convidados da mesa de abertura foi o professor Renato Janine Ribeiro, atual presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). O dirigente criticou o governo Bolsonaro pelas drásticas reduções orçamentárias em áreas fundamentais para a soberania nacional, como Educação, Ciência, Tecnologia, Saúde e Cultura. “O Brasil foi trilhando o caminho da exclusão. Todos os presidentes que tentaram modificar essa realidade foram perseguidos”, disse, citando João Goulart, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, de quem foi ministro da Educação.

Janine Ribeiro também destacou a importância das universidades públicas que, apesar de asfixiadas financeiramente, responderam à altura dos dilemas impostos pela pandemia de covid-19. “Para cada desafio significativo da sociedade, a resposta está na Ciência. A resposta está na Universidade”.

O docente não se furtou a fazer um chamado eleitoral à sua audiência. Embora não tenha citado nomes de candidatos, ele afirmou a necessidade de todos se unirem na reconstrução nacional. “Peço que a gente esteja muito forte na defesa do nosso país nessas eleições”.

A professora Helena Nader, presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), pontuou a destruição dos sistemas de Educação, Ciência e Tecnologia no atual governo. “Como podemos ter avanços na Educação sem uma política de Estado? Os cortes são dramáticos. Não vai ser em quatro anos que va-

mos conseguir resolver todos os problemas. Destruíram tudo em três anos. Essa reconstrução levará muito mais tempo”, afirmou.

A docente aproveitou o momento para questionar que Ciência o país precisa. “Não adianta reconstruirmos instituições como se estivessemos em 1951 (ano de criação da Capes e CNPq). Quais os desafios do atual mundo globalizado? Como nos tornar competitivos? Quase um quarto do novo século já passou”, refletiu.

Helena Nader também analisou o papel dos professores, formadores de gerações de alunos e futuros dirigentes do país. “O que estamos entregando para a juventude? O que a juventude quer?”, questionou. “Precisamos fazer um diagnóstico porque, se não, vamos continuar fazendo uma ciência maravilhosa e formando líderes que nos odeiam”.

Presidente da Faperj, o professor Jerson Lima Silva, do Instituto de Bioquímica Médica, destacou a ciência de ponta realizada no Brasil, mas apontou para o necessário aumento de verbas para a área. “As Faps (fundações de amparo à pesquisa estaduais) executaram na ordem de R\$ 4,5 bilhões no ano, o que ainda é muito pouco, se compararmos com os Estados Unidos. O total investido no ano, lá, foi algo em torno de US\$ 120 bilhões”, informou.

Um dos desafios para o desenvolvimento do país, justamente por conta da falta de investimentos em C&T, é a fuga de cérebros. “Temos uma diáspora silenciosa, seletiva. A gente perde os melhores pesquisadores”, lamentou.

Primeira reitora negra de uma universidade federal, a professora Joana Angélica Guimarães chamou atenção para a parcela mais empobrecida da população. “Passamos muitos séculos divididos entre os que tinham direitos e os escravizados, que não tinham direito a nada”, disse. “Hoje, no segundo centenário, estamos divididos entre pessoas privilegiadas e os descendentes daqueles que não tinham direito a nada. Só tivemos uma lei de cotas dez anos antes do bicentenário e a grande discussão era se essas pessoas pobres, pretas, estariam à altura do que a universidade brasileira precisava”, criticou.

Joana Angélica relacionou a independência, a soberania e a democracia ao acesso de todas as pessoas ao ensino superior. “Temos vários talentos invisibilizados nas favelas e periferias



FOTOS:FERNANDO SOUZA

brasileiras. As pessoas mais pobres não veem a universidade como perspectiva”, disse. “Essa sociedade, com a qual precisamos dialogar e com ela aprender, não conhece a universidade social e reduzir as desigualdades desse país”, disse. “Somos a única saída para nosso país ser independente. Nenhuma nação conseguiu se desenvolver sem investimento em Ciência e Tecnologia”.

Denise Pires de Carvalho, última a falar na mesa de abertura, afirmou que a sociedade brasileira está polarizada “entre aqueles que querem um país desenvolvido e os que querem manter o Brasil colonizado”. “O

Brasil só perde para a Indonésia e México em percentual de doutores em suas populações. As universidades são a única chance de nossos jovens poderem obter a almejada mobilidade social e reduzir as desigualdades desse país”, disse. “Somos a única saída para nosso país ser independente. Nenhuma nação conseguiu se desenvolver sem investimento em Ciência e Tecnologia”.

Coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura, a professora Christine Ruta, ex-diretora da AdUFRJ, fez uma avaliação emocionada da atividade. “É, realmente, um momento de reflexão e por isso propomos uma série de debates sobre segurança alimentar, saúde, ciência.

Temas fundamentais para o avanço da soberania nacional”, explicou a docente. “Será que são temas independentes? Será que houve melhorias ou retrocessos nessas áreas?”, exemplificou. “Precisamos saber que rumos o país tomará”.

Ela aproveitou para saudar o número de mulheres na mesa de abertura. “Tivemos a primeira reitora da maior universidade federal do Brasil, a primeira reitora negra de uma universidade federal, a primeira presidenta da ABC. Então, avançamos no debate de igualdade de gênero, mas regredimos em outros: a violência, as diferenças salariais”, relacionou. “Tudo isso será tema de reflexão nesses dias”.



ABERTURA COM ARTE. O público foi brindado pela apresentação de chorinho do Grupo Sôdade Brasilis, projeto de extensão coordenado pelo professor Sergio Alvares, da Escola de Música da UFRJ. O grupo também executou o instrumental do Hino Nacional Brasileiro. A letra foi cantada pelo tenor Saulo Lucas, egresso da Escola de Música. A Cia Folclórica do Rio de Janeiro, mais um projeto de extensão da UFRJ, animou a plateia com uma apresentação de maxixe.

POR UMA PRIMAVERA QUE TRAGA A VITÓRIA

Mais recentes pesquisas do Datafolha e do Ipec dão vantagem de 12 e 15 pontos percentuais de Lula sobre Bolsonaro. Campanha do PT busca conquistar os votos necessários para a vitória já no dia 2 de outubro. Para o ex-presidente, chegada da estação traz um novo tempo para o país

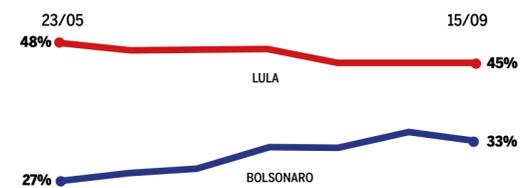
ALEXANDRE MEDEIROS
alexandre@adufjr.org.br

Se fosse uma partida de futebol, o cenário seria bem claro. Segundo tempo, já nos acréscimos: de um lado, o time que está à frente do marcador torcendo pelo apito final para celebrar a vitória; de outro, o time que está atrás fazendo de tudo para levar o jogo à prorrogação. No campo eleitoral, líder nas pesquisas, o time do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tenta liquidar a fatura no primeiro turno, enquanto a candidatura do presidente Jair Bolsonaro (PP) quer forçar um jogo extra no dia 30 de outubro. Duas pesquisas divulgadas esta semana colocaram lenha na fogueira dessa disputa. A do Ipec, de segunda-feira (12), aponta a possibilidade de definição no primeiro turno. A do Datafolha, de quinta-feira (15) indica que haverá segundo turno.

A menos de uma semana da chegada da primavera — a es-

INTENÇÃO DE VOTO ESTIMULADA

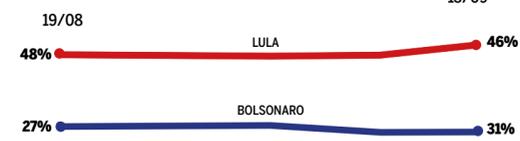
PRIMEIRO TURNO - DATAFOLHA



SEGUNDO TURNO - DATAFOLHA

LULA: 54% X BOLSONARO: 38%

PRIMEIRO TURNO - Ipec



SEGUNDO TURNO - Ipec

LULA: 53% X BOLSONARO: 36%

tação começa às 22h04 do dia 22 —, a campanha de Lula concentra esforços na conquista de votos que definam a vitória já em 2 de outubro. Em encontro com mais de 6.300 comunicadores de todo o país, na terça-feira (13), Lula associou a chegada da estação a um novo tempo para o país. “É possível ganhar no primeiro turno. Se tem candidato com um por cento acreditando que vai ganhar, eu que tenho 46% tenho que acreditar que a gente possa conquistar os votos que faltam. Os nossos adversários poderão tentar matar uma, duas ou três rosas, mas eles não conseguirão deter a chegada da primavera”, disse Lula (leia mais no box abaixo).

NO DATAFOLHA, 2º TURNO

Com entrevistas feitas entre 13 e 15 de setembro, a pesquisa do Datafolha mostra que Lula manteve os 45% do levantamento anterior, enquanto Bolsonaro oscilou de 34% para 33%. Ciro Gomes (PDT), em terceiro, subiu de 7% para 8%, e Simone Tebet (MDB) manteve os 5%. Considerando apenas os votos válidos, Lula tem 48% contra 36% de Bolsonaro, o que indicaria hoje um segundo turno. Nessa eventualidade, segundo a pesquisa, Lula bateria Bolsonaro por 54% a 38%.

Para o sociólogo e cientista político Paulo Baía, professor do IFCS/UFRJ, a pesquisa do Datafolha aponta para o segundo turno em 30 de outubro em função da “resiliência eleitoral” de Ciro Gomes e Simone Tebet. “A pesquisa consolida a diferença a favor de Lula de doze pontos percentuais. Acredito que Lula chegue em primeiro lugar no dia 2 com uma margem entre 10% e 15% sobre Bolsonaro, mas creio que a disputa vá ao segundo turno”, diz Baía. Nos últimos dias, a campanha de Lula tem tentado atrair os eleitores, sobretudo, de Ciro Gomes, pregando o “voto útil”.

Uma boa notícia para Lula trazida pelo Datafolha, segundo Paulo Baía, vem da disputa pelo governo de São Paulo. “O candidato de Bolsonaro, Tarcísio de Freitas (Republicanos), está empatado com o atual governador, Rodrigo Garcia (PSDB), em segundo lugar. E Fernando Haddad (PT) está muito bem

em primeiro lugar. Ou seja, Bolsonaro corre o risco de, indo ao segundo turno, ficar sem palanque em São Paulo, caso Haddad e Rodrigo disputem a segunda rodada”.

CHANCE DE DEFINIR JÁ

Realizada entre os dias 9 e 11, a pesquisa do Ipec divulgada na segunda-feira (12) mostra Lula com 46% das intenções de voto e Bolsonaro com 31%. O resultado indica um cenário de estabilidade na disputa. Em relação à rodada anterior do Ipec, de 5 de setembro, Lula subiu dois pontos, dentro da margem de erro, passando de 44% para 46%, e Bolsonaro manteve os mesmos 31%. Segundo o Ipec, mesmo somando 51% dos votos válidos, não é possível afirmar neste momento se Lula pode ou não vencer a eleição no primeiro turno. No caso de segundo turno, o petista vence Bolsonaro por 53% a 36%.

Na pesquisa do Ipec, Ciro Gomes vem em terceiro, com 7% das intenções, um ponto percentual a mais que na rodada anterior, e Simone Tebet se manteve com os 4% da semana passada. O professor Paulo Baía avalia que, apesar de a pesquisa mostrar uma condição muito favorável a Lula, a disputa deve ser mesmo definida no segundo turno. “O Ipec dá uma indicação clara de vitória no primeiro turno. Contudo, embora a diferença entre Lula e Bolsonaro tenha crescido, eu não creio no cenário de vitória no primeiro turno”.

Baía credita a ida da disputa para o segundo turno ao despenho, sobretudo, de Ciro Gomes e Simone Tebet. “Simone deve variar entre 2% e 4%, e Ciro vai oscilar entre 5% e 8% dos votos. Trabalhando com os piores cenários, de 2% para Simone e de 5% para Ciro, chegaremos a 7%. Com isso, há uma possibilidade real de segundo turno, com Lula bem à frente em primeiro lugar e Bolsonaro consolidado em segundo. Uma vitória no primeiro turno era mais provável antes das entrevistas do Jornal Nacional e do debate da Band. Com as entrevistas e o debate, o eleitor de Simone e de Ciro se consolidou. Vejo neste momento como remota a possibilidade de vitória de Lula no primeiro turno”.

‘VENCER NO 1º TURNO NÃO É CAPRICHISMO PETISTA’

ANA BEATRIZ MAGNO
anabiamagno@adufjr.org.br

Eles não têm dúvidas sobre a importância de liquidar a eleição no primeiro turno para garantir a democracia no Brasil. “Essa não é uma disputa normal entre candidatos que respeitam as regras democráticas. Bolsonaro é um candidato fascista que prefere dar um golpe a

ganhar a eleição. Derrotá-lo no primeiro turno é reduzir ao máximo a ameaça golpista”, resume Pedro Lima, professor da Ciência Política. Mayra Goulart, também da Ciência Política e vice-presidente da AdUFRJ, defende que a missão dos próximos 15 dias é a conquista do voto útil em Lula. “Ganhar no primeiro turno é reduzir o risco de golpe”, diz. A seguir, os dois professores analisam as pesquisas e cena eleitoral do país.

ENTREVISTA

MAYRA GOULART

Professora da Ciência Política e vice-presidente da AdUFRJ

■ **Jornal da AdUFRJ - O que os movimentos sociais e os eleitores de Lula devem fazer nos próximos 15 dias para ajudar a uma vitória no primeiro turno?**

● **Mayra Goulart** — É preciso deixar claro que há risco de contestação do resultado eleitoral e que isso torna importante o voto em primeiro turno. No primeiro turno, são eleitos os legisladores, que serão os principais obstáculos para essa contestação.

■ **E como a comunidade universitária, hoje ainda muito desmobilizada, pode se engajar nesse processo e convencer colegas da própria universidade?**

● Acho que a estratégia é estimular o voto útil no candidato democrático com maior chance de vitória. E, claro, vale lembrar os feitos do Reuni. Foi a maior política para a educação superior de todos os tempos e foi feita durante os mandatos do PT.

■ **Ipec e Datafolha coincidem na tendência de certa estabilidade**

com leve ascensão de Lula e leve queda de Bolsonaro. Isso significa que Bolsonaro chegou ao topo?

● Bolsonaro ainda irá mobilizar o antipetismo através de fake news, o que pode, eventualmente, permitir elevações moleculares nas intenções de voto. O antipetismo é a bala de prata de Bolsonaro. Ele já tentou outros elementos, como por exemplo, a transferência de renda direta para as camadas populares, mas isso não surtiu o resultado esperado. O antipetismo é o que lhe resta, é sua bala de prata na reta final da campanha. Isso já começou. O último programa de televisão, por exemplo, já foi todo voltado para falar mal do Lula.

■ **Isso já era esperado?**

● Sim, já era esperado. O que não era esperado é que as estratégias de elevação do auxílio Brasil e de outros programas de transferência de renda e de desoneração tributária surtiram tão pouco efeito.

■ **Lula cresceu um pouquinho**

PEDRO LIMA

Professor de Ciência Política da UFRJ

■ **Jornal da AdUFRJ - Há uma resiliência do eleitor de Ciro Gomes. É possível que os ciristas desembarquem e ainda apoiem Lula no primeiro turno?**

● Pedro Lima - Acho difícil essa mudança nos setores de classe média, incluindo aí os servidores públicos e os professores. Quem a essa altura não está convencido do risco demeritório em jogo tem, no mínimo, um antipetismo arraigado que dificilmente se dissolverá nessa reta final.

■ **Por que os eleitores de Lula insistem tanto na importância da vitória do primeiro turno?**

● Veja, não é um capricho petista. Não estamos tratando de uma eleição normal, entre dois projetos políticos divergentes, como já ocorreu no passado diversas vezes entre o PT e o PSDB. Antes tratávamos, por exemplo, de dois projetos antagônicos de universidade, um mais elitista e outro inclusivo. Agora, temos um candidato que quer a destruição

da universidade. Veja, Bolsonaro é o candidato que defende a tortura, que defende o golpe, que prefere ser presidente por meio de um golpe do que pela eleição. Defender a vitória no primeiro turno nesse contexto não é, portanto, algo que pretende engolir a minoria, mas sim um gesto que defende o futuro das oposições.

■ **O Bolsonaroism sobreviverá à derrota de Lula?**

● Bolsonaro é bizarro e ainda me assusto com ele todos os dias. Mas precisamos lembrar como ele virou presidente, como chegou até aqui. Chegamos com



■ Por que há mulheres e gays que votam em Bolsonaro?

● Há o empoderamento que o discurso conservador fornece para determinadas pessoas dentro de suas realidades materiais. Para quem está lidando com a marginalização, com eventual risco de muita violência, o discurso conservador protege. Protege de violência sexual, protege de abuso de drogas. É um discurso que empodera a mulher diante da sua família, por exemplo. Então há uma racionalidade nesse discurso conservador, assim como no voto em Bolsonaro.

■ Então como chegar nesse eleitor?

● O mais importante é a gente nunca desqualificar o eleitor. Ele é racional no seu voto, mesmo quando não concordamos com ele.



o golpe de 2016, executado com forte protagonismo do Legislativo, do Judiciário, do empresariado e da imprensa comercial. Esse consórcio preferiu um defensor da tortura ao invés de um professor.

LULA: “NÓS NÃO SOMOS ALGORITMOS, NÓS SOMOS SERES HUMANOS”

Em sua participação no encontro com comunicadores e comunicadoras, o ex-presidente Lula falou sobre sua preocupação com a abstenção na eleição, a campanha nas redes sociais e a possibilidade de vencer no primeiro turno. Sobre a abstenção, Lula ponderou que é importante convencer as pessoas a votar no dia 2: “Nós temos um problema sério no Brasil: sempre tivemos um percentual de eleitores que não votam. Tem gente que espera chegar o dia das eleições e logo cedinho ou na véspera vai para a praia, vai para o interior e não quer votar. A pessoa que não vota perde um pouco a autoridade de

cobrar de quem foi eleito. É importante participar do processo”.

Lula observou que o Bolsonaro deve aumentar os ataques, sobretudo nas redes, nas próximas duas semanas. “Os nossos adversários poderão tentar matar uma, duas ou três rosas, mas eles não conseguirão deter a chegada da primavera. Nós não somos algoritmos, nós somos seres humanos. Não queremos perder o nosso humanismo, o nosso sentimento. Nossas mensagens têm que tocar o coração. Por isso é importante falar de família, de amor, de esperança, de futuro nesses últimos dias de campanha. Acho que isso vai fazer com



que o povo brasileiro se dirija à urna para digitar o seu voto com muita esperança. com muito

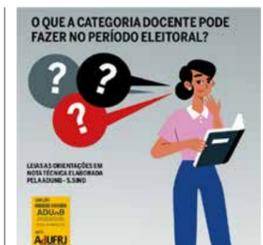
amor, com muita paz. Com muita leveza espiritual”. Ele acredita que a eleição possa

ser decidida no primeiro turno, mas frisou que o mais importante é vencer o Bolsonaro. “O que está em jogo não é a vitória de um homem sobre outro homem. O que está em jogo é a possibilidade de a gente recuperar o bem-estar da família brasileira. E recuperar a esperança, o jeito gostoso de viver a vida. Vamos fazer isso sem ódio, sem fazer nenhuma provocação, sem fazer o jogo rasteiro dos nossos adversários, elevando o nível político da campanha. Acho que nunca antes na nossa história o povo esteve tão necessitado de uma vitória nossa como agora. Voltar a ter um presidente humanista, que conheça o povo”.

O QUE OS DOCENTES PODEM FAZER NO PERÍODO ELEITORAL

■ O professor pode circular pela universidade com o adesivo de seu candidato ou candidatura? Pode, incluindo salas de aula. A participação em debates, mobilizações e protestos é liberada também. Só não é permitido pedir voto durante a aula.

Estas e outras orientações fazem parte de uma campanha produzida pela Associação de Docentes da Universidade de Brasília (ADUnb) para tirar dúvidas sobre o que pode e o que não pode ser feito pela categoria durante o período eleitoral. A AdUFRJ adotou a ideia e firmou uma parceria com a ADUnb para divulgar os cards.



As peças foram compartilhadas esta semana pela AdUFRJ, em suas redes sociais, com uma identidade visual própria.

A campanha tem respaldo em uma nota técnica elaborada pela assessoria jurídica



da ADUnb. Para produzir o documento, os advogados do sindicato analisaram a cartilha “Conduitas Vedadas aos Agentes Públicos Federais em Eleições - 2022”, publicada pela Advocacia-Geral da União



(AGU). No caso específico das universidades, também consideraram os parâmetros fixados em julgamento do Supremo Tribunal Federal de 2020. O acórdão do STF tratou de abusos cometidos por autoridades

JANONES ALERTA PARA ‘PONTO CEGO’ NA RETA FINAL

O 1º Encontro de Comunicadores e Comunicadoras com Lula reuniu na terça-feira (13) mais de 6.300 profissionais de todo o país, de forma virtual, para discutir estratégias de comunicação na reta final da campanha. Um dos destaques do encontro foi o alerta do deputado federal André Janones (Avante-MG), que abriu mão de sua candidatura à Presidência em favor de Lula, em relação ao que chamou de “ponto cego” nas redes sociais nos últimos dias de campanha.

“São os últimos três dias: quinta, sexta e sábado. Não tem mais televisão, não tem comunicação oficial, não adianta ingressar com ação na Justiça que não dá tempo de fazer nada. Esses três últimos dias são um ponto cego que você não consegue vencer. Por isso há algumas viradas de última hora, como a que aconteceu em Minas Gerais em 2018 com o (Romeu) Zema, que ninguém entendia. Vem no momento desse ponto cego, os institutos de pesquisa não conseguem pegar esse movimento final de redes, que vem e varre, elege candidatos. Precisamos ficar atentos a isso”, alertou Janones.

Janones destacou três pontos que devem ser prioritários nas redes nos últimos dias de campanha. “Primeiro, cada rede social tem uma linguagem. Não adianta falar de preço do arroz no Twitter. O cara do Twitter não está preocupado com o preço do arroz. Temos que personalizar a comunicação. Segundo ponto: resposta rápida. Às vezes a gente quer uma resposta melhor, com mais conteúdo, mas não tem jeito, a gente está lutando contra o fascismo, não dá tempo de dialogar muito profundamente. Não podemos deixar boato viralizar sem resposta. Terceiro: sinto que o eleitor do Lula está oprimido, nas redes e nas ruas. A gente tem que fazer emergir nesse eleitorado que está oprimido, nas redes e nas ruas. Vamos levar um tom sereno, de amor, de verdade”.

Confira os cards da campanha acima.



FOTOS: SILVANA SÁ

EBA RETOMA AULAS DIA 19, APÓS 'APAGÃO'

> Escola de Belas Artes suspendeu atividades de ensino no dia 14, depois de o prédio sofrer com falta de água, de limpeza e mau funcionamento dos elevadores

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

A direção da Escola de Belas Artes suspendeu as aulas da graduação no dia 14. Os motivos: falta de limpeza, de elevadores funcionando e água. A volta está programada para segunda, 19. Mas nem todos os problemas estavam resolvidos até o fechamento desta edição.

A limpeza começou a ser realizada na manhã do próprio dia 14, mas a continuidade do serviço ainda é incerta. A reitoria, que emitiu nota no mesmo dia se dizendo surpresa com a suspensão das aulas, afirmou que o serviço seria de responsabilidade da decania do Centro de Letras e Artes.

Flávio Cozini, supervisor da empresa Soluções, apresentou outra versão. Ele informou à reportagem que, até esta sexta-feira (16), a Pró-reitoria de Gestão e Governança (PR-6) ainda não havia solicitado a revisão contratual. “Nesse momento realizamos uma intervenção pontual, a pedido da decania, mas é necessário um aditivo ao contrato para solicitar aumento de área atendida ou de efetivo”, contou o representante. “A PR-6 nos comunicou que entrará em contato conosco mas, até agora, não recebemos nenhuma solicitação. Aumentando a área ou



DUREZA subir os sete andares equivale a 11 por conta do pé direito mais alto do prédio

o efetivo, aumenta o valor do serviço”, afirmou.

O funcionário não se responsabiliza pela manutenção da limpeza nas próximas semanas. “Se voltarem as aulas nesses andares, teremos novos problemas, porque será uma limpeza precária justamente por não haver previsão contratual”.

Diretora da EBA, a professora

Madalena Grimaldi confirmou que não comunicou a interrupção das aulas à reitoria, mas rebateteu as informações contidas na nota oficial. A versão da dirigente confirma o que a empresa informou à reportagem. “As aulas começaram no dia 29 de agosto, mas desde maio vimos alertando sobre a limpeza. Em reunião com a PR-6, foi dito



Os banheiros ficaram numa condição de insalubridade tamanha que seria irresponsabilidade minha manter as aulas

MADALENA GRIMALDI
Diretora da Escola de Belas Artes

que não haveria como fazer um aditivo ao contrato por conta dos cortes orçamentários”, disse Madalena Grimaldi. “Então eu e a decana, professora Cristina Tranjan, sugerimos fazer um rodízio como forma de atender a todos os andares com o mesmo número de funcionários de limpeza. Mas a PR-6 não autorizou porque também seria necessária, antes, uma mudança contratual”, revelou a diretora. “A PR-6, o tempo todo, nos informava que estava negociando com a empresa”, afirmou Madalena. Mas nada aconteceu. “Os banheiros ficaram numa condição de insalubridade tamanha que seria irresponsabilidade minha manter as aulas”. O fornecimento de água foi restabelecido na quinta-feira.

O funcionamento insuficiente dos elevadores também foi decisivo para a decisão de descontinuar as aulas. São cinco, todos reformados, mas que não conseguem ser utilizados ao mesmo tempo. “Tenho alunos e professores com mobilidade reduzida. Subir sete andares no nosso prédio significa, na prática, subir 11 andares, por conta do pé direito mais alto. Alunos e técnicos ficaram presos nos elevadores diversas vezes nessas primeiras semanas de aulas até que na sexta-feira (9) não havia mais nenhum funcionando”, contou Madalena Grimaldi. “Eu tive aluno passando mal, professor com falta de ar. Estou aguardando a resolução desses problemas para retomar o semestre”, concluiu a diretora.

Nesta sexta-feira, 16, quatro elevadores voltaram a funcionar. “Acabei de ser informada que há quatro equipamentos em

funcionamento. Vamos voltar na segunda-feira (19)”, afirmou a diretora.

As informações foram confirmadas pela decana do CLA, professora Cristina Tranjan, que esteve durante toda a manhã de quarta-feira (14), em reunião com a reitoria. A decana, no entanto, minimizou o incidente após a longa conversa com a administração da UFRJ. “Houve a reabertura dos andares que ficaram seis anos fechados, e a limpeza não deu conta. A situação já está voltando à normalidade. A gente lutou muito para a reabertura desses andares, é uma vitória. O que está acontecendo agora são ajustes por conta do aumento da circulação no prédio”, declarou.

Sobre os elevadores, a decana informou que houve uma varredura na rede elétrica para a empresa de manutenção diagnosticar o que gera o mau funcionamento dos equipamentos. “Na sexta-feira (9), um professor cadeirante precisou dar aula no meu gabinete – que fica no térreo do prédio. Realmente não há como manter o funcionamento de um edifício com sete andares sem elevadores”.

A PR-6 não atendeu às tentativas de contato. Já a reitora da UFRJ, professora Denise Pires de Carvalho, que participou da reunião com a decana do CLA, na quarta, respondeu aos questionamentos da reportagem. “Aparentemente há um problema na carga elétrica que chega aos elevadores e a água precisou ser fechada por conta de um vazamento. É preciso solucionar esses dois itens para que as aulas sejam retomadas”, disse.



A PR-6 nos comunicou que entrará em contato conosco mas, até agora, não recebemos nenhuma solicitação

FLÁVIO COZINI
Supervisor da empresa Soluções

LUCAS ABREU
lucas@adufjr.org.br

Uma velha polêmica tomou conta do Centro de Tecnologia. Desde o dia 1º, o estacionamento do prédio voltou a ser cobrado: R\$ 5,50 por diária. Com a cobrança, ressurgiu a insatisfação de parte dos usuários com o serviço prestado. Só esta semana, os motoristas tiveram de lidar com terminais de pagamento fora do ar e uma das cancelas inoperante. O cabo de energia foi furado.

“O maior problema é a absoluta falta de transparência sobre o que está acontecendo”, afirmou o professor Fernando Nicacio, do Instituto de Física. “Para mim, como frequentador do Fundão, o que aconteceu foi que uma pessoa que eu não tenho ideia de quem seja botou uma cancela e começou a me cobrar estacionamento”, disse. Outra queixa dos usuários é a impossibilidade de circular pelo Fundão sem precisar pagar novamente, ao retornar. “Se eu precisar ir ao CCS ou a outro prédio com o meu carro, eu teria que pagar para estacionar novamente”, contou. A exceção é para os mensalistas, que têm acessos diários ilimitados.

Fernando chegou a assinar um abaixo-assinado, que pedia mais esclarecimentos sobre a cobrança, organizado por um grupo de professores do Instituto de Física. O documento foi entregue à decania do CCMN, ao qual o IF é vinculado. “Eu não sei pelo que eu estou pagando. Não sei qual é a responsabilidade da empresa, se é a mesma empresa que operava o estacionamento antes da pandemia, se eles têm qualificação para fazer esse serviço”, acrescentou. Para ele, trata-se também de uma questão de princípio. Sendo uma área da universidade e, portanto, pública, deveria ser responsabilidade do Estado garantir a segurança na região.

O contrato com a empresa Viamil para a concessão do estacionamento foi assinado em dezembro de 2018. A cobrança começou em abril de 2019. Segundo o superintendente do CT, Agnaldo Fernandes, a terceirização do estacionamento ocorreu por demanda da própria comunidade do centro, que pedia por mais segurança. “Houve um período de muito sequestro-relâmpago, assaltos, roubos de carro, não só aqui, mas no Fundão todo. O debate aconteceu em toda a universidade, mas aqui no CT avançou”, contou.

Com a pandemia, a pró-reitoria de Gestão e Governança (PR-6), signatária do contrato, suspendeu a forma de execução do contrato. “O efetivo diminuiu e a cobrança foi interrompida, mas não interromper o prazo”, disse Agnaldo. O contrato vai até 2023. Com a volta das aulas presenciais, em abril deste ano, a empresa comunicou que retornaria a cobrança e o



> Usuários reclamam de falta de transparência e da qualidade do serviço de controle do estacionamento do Centro de Tecnologia. Decania informa que o contrato está em vigor até o ano que vem e pode ser rediscutido pela comunidade

ESTACIONAMENTO DA DISCÓRDIA

serviço. Segundo Agnaldo, na ocasião, a superintendência não autorizou o retorno. “Foi uma decisão minha. Conversamos com a Viamil e eu mandei um e-mail para eles dizendo que eles não tinham autorização para começar a cobrança, considerando que a empresa não deu condições para a equipe de fiscalização verificar se estava tudo certo”. Depois disso, a empresa fez os ajustes necessários para retomar a cobrança: tapar os buracos do estacionamento, reinstalar as câmeras e cancelas, recuperar os terminais de pagamento e pintar as marcações das vagas. “A equipe de fiscalização viu que, do ponto de vista do contrato, estava em condições de retornar”, contou.

O contrato tem um termo de referência, elaborado pelo CT, com as obrigações da concessionária do serviço. O documento prevê que a empresa faça a instalação de 85 câmeras para monitoramento e a instalação de cancelas automatizadas. A firma deve ter uma equipe de no mínimo 31 funcionários, recuperar a sinalização horizontal e demarcações de vagas e fazer o recapeamento do estacionamento.

Agnaldo reconhece que há queixas por parte dos usuários, que são encaminhadas para a equipe de fiscalização do contrato. Segundo o superintendente, qualquer decisão sobre a concessão tem que partir da comunidade do CT. “Quem demando esse serviço foi o CT. Se o CT acha que não cabe mais, ele discute nas suas uni-



'FALTA TRANSPARÊNCIA' Professor Fernando Nicacio, do IF, critica gestão do estacionamento

dades e vem para o Conselho de Centro. É um contrato. Ele pode ser rescindido, pode não ser renovado, pode ser feita uma nova licitação”, explicou. “O decano e eu não somos a favor do estacionamento cobrado”, afirmou o superintendente. O contrato foi elaborado na gestão anterior.

O técnico André Ferraz é chefe da administração da sede da decania e membro da comissão de fiscalização do contrato com a concessionária. A comissão faz avaliações periódicas da prestação do serviço. Além disso, a comissão também recebe as queixas dos usuários e encaminha para a Viamil. “Todo dia eu faço uma vistoria do prédio. Passo nos totens de pagamento e vejo se estão em funcionamento. Se estão apagados, eu comunico ao pessoal da Viamil imediatamente”, exemplificou André.

Segundo o superintendente, a

Viamil remunera a universidade com quase 18% do seu lucro líquido: os recursos são repassados para a conta única do Tesouro. Mas a empresa emite apenas um recibo de pagamento, e não um cupom fiscal, para os usuários, o que pode criar uma fragilidade na informação da prestação de contas. Segundo André, a comissão de fiscalização faz a fiscalização logística e operacional do contrato, e a parte financeira do contrato fica sob responsabilidade da pró-reitoria de Gestão e Governança. A equipe de reportagem do Jornal da AdUFRJ enviou para a PR-6, via assessoria de imprensa da UFRJ, perguntas sobre a prestação de contas do contrato. Até o fechamento da edição, as questões não foram respondidas.

Euclides Vieira, gerente operacional da Viamil e responsável pela empresa na UFRJ, afir-

ma que a prestação de contas é feita com relatórios do software de gestão utilizado para a cobrança do estacionamento. “O mesmo software que usamos nos nossos terminais, o Prescon, é o que faz os relatórios para a PR-6”, explicou. Também são entregues relatórios contábeis de despesas da operação. Euclides esclareceu ainda que qualquer usuário pode requisitar a emissão da nota fiscal do serviço junto à empresa.

Euclides informou que, durante o período da pandemia, o equipamento já instalado pela empresa no estacionamento foi alvo de furto e deterioração. A situação dificultou a retomada do serviço. Segundo ele, foi preciso um investimento quase próximo ao feito em 2019 para o retorno. Hoje, ele assegura que o serviço funcionaria de acordo com o que está previsto no termo de referência do contrato.

> No mês dedicado a ações de prevenção ao suicídio, acúmulo de problemas como sobrecarga de trabalho e pressão por produtividade ameaça a saúde mental dos professores da UFRJ

ESTELA MAGALHÃES
comunica@adufrrj.org.br

Sressão por produtividade acadêmica, sobrecarga de funções administrativas, de ensino e pesquisa, dificuldade de separação entre o tempo de trabalho e a vida pessoal e precarização das estruturas da universidade. Junte tudo isso para entender o esgotamento mental dos professores da UFRJ. “O docente usa as férias para trabalhar há muito tempo e isso é naturalizado. No que era para ser um período de descanso, a gente atualiza o Lattes, prepara o projeto, escreve o artigo, lê o trabalho dos alunos, então não paramos de trabalhar nunca”, diz a professora Suzy dos Santos, diretora da Escola de Comunicação. No Setembro Amarelo, mês de prevenção ao suicídio, debater problemas como esses é fundamental para cuidar da saúde mental da comunidade acadêmica.

“Nós queremos fazer pesquisa, mas o ranqueamento por notas implica no dinheiro e nas condições do nosso programa de pós-graduação. Você precisa ter um grau de produtividade sempre alto para não virar um programa que não recebe recursos”, explica ela. Essa questão ainda está associada à sobrecarga de trabalho causada pela redução do número de servidores. “O primeiro preconceito com a doença mental é interno, vem de uma autoavaliação: se você não é produtivo, você não é um bom professor”, diz.

Para a professora, o estigma interno contribui para uma maior dificuldade em buscar ajuda quando ela é necessária. “A gente vive nadando no mar agitado e só com a cabeça de fora. A gente nada, nada, nada e continua com água por todos os lados. Não conseguimos nem ver quando vai chegar à terra firme e estamos sempre com uma onda para bater na nossa cara”, desabafa.

O cansaço também está associado a um entristecimento da categoria. Na ECO, o luto foi quase constante nos últimos meses, com a perda de estudantes, técnicos e professores. “Estamos vivendo um tempo de negação da Ciência e o nosso fazer é violentamente atacado. Eu não posso dizer que o câncer de uma docente querida venha necessariamente desses tempos”, diz Suzy sobre o falecimento da professora Marta Araújo este mês. “Mas eu posso dizer que estou na Eco há 17 anos e nunca morremos tanto. Esses tempos que estamos vivendo nos fragilizam tanto física quanto mentalmente”, completa.

Para o professor Ari Loureiro, do Serviço Social da UFPA, a tristeza que adoece os professores é também uma herança da pandemia. “Vivemos um temor por medidas cautelares, por ter sofrido pessoalmente o impacto da covid-19 e pela família ter vivido experiências de morte, de perda e luto”, explica. Com os escritórios em casa nos dois últimos anos, a névoa na separação entre a vida pessoal e o fazer acadêmico se intensificou. Os meios de comunicação pessoais se tornaram públicos e os professores passaram a responder mensagens de madrugada sobre ‘a aula de amanhã’. “O espaço familiar tornou-se o lugar do trabalho, da cultura, da política e do ensino. O ambiente privado foi aberto e nós passamos a viver o mundo do trabalho 24 horas por dia”, diz Ari.

O professor ainda defende a importância do atendimento psicológico institucional pelas universidades. “As dificuldades e limites do docente não pertencem só a ele, mas ao mundo do trabalho e à universidade. O atendimento às nossas dimensões subjetivas precisa ser compreendido como de interesse de uma política social da universidade”, pondera.

Por meio da Superintendência Geral de Atenção à Saúde do Trabalhador (Superast), da Pró-Reitoria de Pessoal (PR-4), a UFRJ oferece atendimento psicossocial aos servidores técnicos e docentes

com apoio de psicólogos, enfermeiros e assistentes sociais. “Intensidade de trabalho na área acadêmica, cobranças estratosféricas por produtividade, cobrança das agências de fomento, não pagamento, não cumprimento de editais de pesquisa e até os cortes na Educação e na Ciência têm um impacto gigantesco na saúde mental e na saúde em geral dos professores da UFRJ”, diz Sílvia Jardim, psiquiatra e superintendente-geral.

Em 2021, a Seção de Atenção Psicossocial dos Trabalhadores (SAPS), divisão responsável pelo atendimento psicológico, atendeu 3.345 pessoas. “Tratamos cada caso de forma particular, mas sempre de forma interdisciplinar. Isso nos permite identificar uma situação que é institucional a partir das relações entre trabalhadores”, diz a superintendente.

Sílvia destacou que os transtornos mentais e comportamentais são a terceira principal causa de afastamento do trabalho no Brasil. Os dados são da consultoria B2P, especializada no acompanhamento e gestão de funcionários afastados, de 2021.

A psicóloga Catiúscia Munsberg, da SAPS, explica que os professores tradicionalmente buscam menos o atendimento do que outros servidores. “Já nos deparamos com situações em que um docente tem enfrentado uma situação de saúde na qual ele teria acesso a uma licença para tratamento, que é um direito dele, mas não aciona o afastamento para a preservação da própria saúde”, diz. Ela ainda explica que isso se intensificou com a pandemia, com a possibilidade de dar aulas online e não tirar licença. “Muitas vezes a pessoa negocia, faz acordos com os colegas, ou até trabalha, talvez por uma aparente flexibilidade do trabalho docente”, completa.

Ela ainda destaca a importância de estar atento à própria saúde mental e a dos colegas ao longo de todo o ano e não apenas durante as campanhas do Setembro Amarelo, uma vez que os sinais de que alguém precisa de ajuda nem sempre são claros ou até perceptíveis. “Pode não ter um sinal, ou que esse sinal não seja algo diretamente interpretado como tristeza, mas algo da ordem do conflito também pode estar apontando para coisas importantes de se cuidar”, diz. “Mais do que tentar identificar um sinal aqui e ali, é importante criar espaços no ambiente de trabalho onde se possa falar e ter alguma possibilidade para saber como as pessoas estão”, encerra.

COMO RECORRER À SAPS

■ Caso o servidor ou terceirizado da UFRJ busque atendimento psicossocial ou orientação sobre afastamento do trabalho por problemas de saúde mental, basta entrar em contato com a SAPS pelo e-mail acolhimentosaps@pr4.ufrj.br.

“Um dos nossos técnicos faz uma entrevista com o servidor e identifica o problema. A partir daí, ele é acompanhado parcial ou totalmente pela SAPS, dependendo da situação, e também pode ser encaminhado para o SUS ou para a rede privada. Se ele já faz tratamento, se precisa de apoio institucional, se precisa de uma orientação, acompanhamos cada caso”, explica Sílvia Jardim.

Após o acolhimento por e-mail, o atendimento presencial pode ser feito nas sedes da superintendência no Fundão ou na Praia Vermelha. O canal acolhimentosaps_gestores@pr4.ufrj.br também está disponível para aqueles servidores em posições de gestão que identifiquem possíveis problemas com seus colegas de trabalho.

SEXTOU

Eleições e outras boas conversas.

CAR@ COLEGA,

Venha conversar sobre as eleições com os professores Mayra Goulart e Josué Medeiros, da Ciência Política. Será um papo descontraído, com cerveja, vinho, petiscos e muito entusiasmo para enfrentar a reta final da campanha eleitoral.

Para confirmar presença:

bit.ly/sextouadufrrj



CBAE AVENIDA RUI BARBOSA, 762
23 DE SETEMBRO 18H ÀS 22H

AdUFRJ
PROFESSORES DA UFRJ